

Sete Cartas Desenhantes para uma Cidade Cosmocênica¹

*Seven Drawing Letters for a
Cosmocenic City*

*Siete Cartas Dibujantes para una
Ciudad Cosmocénica*

Sávio Farias²

1. Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – CAPES, pelo apoio concedido através do processo 88887.493386/2020-00.

2. Artista da cena, palhaço, professor e pesquisador. Docente do Departamento de Teatro da Universidade Regional do Cariri (URCA). Professor-tutor da Licenciatura em Teatro a distância da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor e Mestre em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA). Licenciado e Bacharel em Teatro (UFPB). Integrante dos grupos de pesquisa NIPA (URCA) e GIPE-Corpo (UFBA), ambos cadastrados no CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8997-6960>. E-mails: savioffarias@gmail.com / savio.farias@urca.br.

Resumo |

Neste artigo, relato o processo de criação das sete cartas desenhantes que compus para Sobral (CE), minha cidade natal e campo de pesquisa de minha investigação de doutorado em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA), intitulada “Cosmografias de uma cidade cênica: arte, magia e natureza numa cápsula do tempo”. Estas cartas foram criadas com técnicas mistas e materiais diversos e representam uma correspondência visual com os elementos da natureza, astros e eventos celestes: água, terra, ar e fogo, o sol e a lua, culminando em um eclipse total. A investigação está situada no campo da Prática Artística como Pesquisa (PaR) em diálogo com a abordagem cartográfica, as práticas do caminhar e do deslocamento e a crítica de processos criativos. Essas cartas são inspirações e partes constitutivas de uma obra que acompanhou o desenvolvimento da minha tese de modo imbricado, interligando arte, criação e pesquisa.

Palavras-chave: Cartas desenhantes; Processo criativo; Cena e cidade; Pesquisa em Artes; Sobral-CE.

Abstract |

In this article, I report on the process of creating seven drawing letters that I created for Sobral (CE), my hometown and research field for my doctoral research in Performing Arts (PPGAC-UFBA), titled “Cosmographies of a Scenic City: Art, Magic, and Nature in a Time Capsule”. These letters were created using mixed techniques and different materials and represent a visual correspondence with the elements of nature, celestial bodies and events: water, earth, air and fire, the sun and the moon, culminating in a total eclipse. The investigation is situated within the field of Artistic Practice as Research (PaR), in dialogue with cartographic approaches, walking and displacement practices, and the critique of

creative processes. These letters are both inspirations and constituent parts of a piece that accompanied the development of my thesis in an interwoven manner, connecting art, creation and research.

Keywords: Drawing letters; Creative process; Scene and city; Arts research; Sobral-CE.

Resumen |

En este artículo, relato el proceso de creación de las siete cartas dibujantes que realicé para Sobral (CE), mi ciudad natal y campo de investigación de mi doctorado en Artes Escénicas (PPGAC-UFBA), titulada “Cosmografías de una ciudad escénica: arte, magia y naturaleza en una cápsula del tiempo”. Estas cartas fueron creadas con técnicas mixtas y diferentes materiales, y representan una correspondencia visual con los elementos de la naturaleza, astros y eventos celestes: agua, tierra, aire y fuego, el sol y la luna, culminando en un eclipse total. La investigación se sitúa en el campo de la Práctica Artística como Investigación (PaR), en diálogo con el enfoque cartográfico, las prácticas del caminar y del desplazamiento, y la crítica de los procesos creativos. Estas cartas son tanto inspiraciones como partes constitutivas de una obra que acompañó el desarrollo de mi tesis de manera entrelazada, conectando arte, creación e investigación.

Palabras clave: Cartas dibujantes; Proceso creativo; Escena y ciudad; Investigación en Artes; Sobral-CE.

1 Introdução

As sete cartas abordadas neste artigo integram uma cosmografia poética e performativa que foi elaborada na pesquisa de doutoramento recém-concluída, “Cosmografias de uma cidade cênica: arte, magia e natureza numa cápsula do tempo”, e se configuram como disparadores reflexivos sobre minha relação com Sobral-CE, minha cidade natal e campo de pesquisa: não apenas a cidade onde habito, mas a cidade que também habita em mim. Como parte desse processo, as cartas foram apresentadas na exposição virtual *Cartas Desenhantes*³ (2021), atividade final do componente curricular “Documentos de Percurso: Registro e Reflexões em Processos Criativos”, ministrado pela professora Dra. Viga Gordilho, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tais aulas foram realizadas de maneira remota, em função do isolamento social causado pela pandemia de coronavírus.

Na referida exposição, estiveram reunidas as produções artísticas dos discentes participantes do componente curricular e de membros do grupo de pesquisa MAMETO (CNPq). O período pandêmico impôs desafios significativos ao trabalho de campo e à confecção das cartas, trazendo experiências sociais de dor, medo e incerteza. No entanto, aquele contexto também abriu brechas inesperadas para momentos de introspecção, imersão e experimentação entre estar em casa e sair às ruas quando era possível. Em meio a limitações e reinvenções, foi possível nutrir o processo criativo que culminou nas cartas, alimentado pelas trocas nos encontros remotos e pelo compartilhamento da própria exposição.

Produzir essas cartas, cuja ênfase está dada na leitura visual, possibilitou o surgimento de uma materialidade de natureza sutil e íntima, que se configurou como uma comunicação com Sobral, estabelecendo

3. Disponível em: <https://docprocesso2021.wixsite.com/cartasdesenhantes>

um diálogo para além das palavras. Inspiradas por uma série de desenhos projetivos feitos na fase inicial da pesquisa⁴, ainda como preparação para a investigação em campo, as cartas desenhantes refletem as primeiras reflexões da etapa imersiva deste estudo e permitiram um aprofundamento poético das projeções anteriores, agora diante do locus da pesquisa. Este aprofundamento expandiu a relação entre corpo e cidade, por meio das experiências em campo e das aulas do componente curricular, e contribuiu para que a produção das cartas fosse potencializada e ancorada em experiências visuais e sensoriais, mais do que verbais.

Neste artigo, o objetivo é expor o processo de confecção de cada uma das cartas, bem como as reflexões que as permearam, explorando fragmentos de suas fabricações. Assim, são tecidas as etapas, a partir da articulação entre alguns textos teóricos discutidos no decorrer das aulas do componente curricular, conjuntamente a outras referências que corroboram para fundamentação teórico-prática da pesquisa. As versões finais das cartas podem ser encontradas na abertura de cada uma das sete partes da tese que sucedem a Introdução⁵.

A pesquisa da qual as cartas desenhantes fazem parte e se desdobram está situada no campo da Prática Artística como Pesquisa (*Practice as Research – PaR*). Essa vertente epistemológica considera “[...] as práticas artísticas investigativas como pesquisa acadêmica” (Scialom; Fernandes, 2022, p. 04-05). Nesse sentido:

Na PaR a atividade realizada (prática) é tida como um tipo de conhecimento específico que articula um conjunto de saberes [...] diz respeito ao fazer criativo nas artes como modo específico e múltiplo de gerar conhecimentos, ou seja, como metodologias

4. Os desenhos projetivos foram produzidos por meio de práticas corporais desenvolvidas no Laboratório de Performance, componente curricular do PPGAC-UFBA orientado pela professora Dra. Ciane Fernandes, com ênfase na Abordagem Somático-Performativa.

5. Neste artigo, optei por seguir a ordem de criação das cartas, tal como foram concebidas e apresentadas na exposição, o que difere da organização final da tese, em que a seção dedicada ao elemento ar foi reposicionada entre as partes sobre a água e a terra.

próprias [...] considerando, sobretudo, o rigor que esta exige quando rege a metodologia de uma práxis acadêmica (Scialom; Fernandes, 2022, p. 4-5).

A indissociação entre arte, investigação e criação são aproximadas nesta pesquisa pela ideia de imagens propulsoras, entendidas como aquelas que emergem na primazia da imaginação em processos criativos (Ferreira, 2009). Soma-se a essa perspectiva a própria noção de *cartas desenhantes*, concebidas como obras em tempo gerúndio - que não se querem, necessariamente, acabadas e se elaboram no tempo do fazer que lhes é próprio (Gordilho, 2020). Inserem-se, assim, na seara da crítica dos processos de criação, em que aspectos como documentação, materialidade e acaso (Salles, 2008; 2013) articulam-se nesta produção epistolar, cuja visualidade encontra-se no cerne.

No que concerne à aproximação entre palavras e imagens na tradição epistolar, a presença de ilustrações em cartas aparece de modo a reforçar o que está escrito e, assim, facilitar a compreensão textual (Caetano; Pereira, 2020). No entanto, no caso das cartas desenhantes, essa função ilustrativa é transcendida, atuando como estímulos e contendo resquícios da experiência corporal e sensorial da/na cidade. Elas trazem consigo elementos coletados a partir das imersões citadinas, combinados com outros materiais compatíveis que se revelaram ao longo das vivências em curso, que se desenharam no seu próprio fazer e possuem características cartográficas (Rolnik, 2006).

Os materiais que compõem as sete cartas desenhantes foram coletados em caminhadas pelas ruas de Sobral, em percursos imersivos realizados ao longo da pesquisa, dimensionados a partir da compreensão das caminhadas como ações estéticas (Careri, 2013). Por meio delas, se experimentou, na dimensão do sensível, a relação corpo e cidade, segundo práticas de deriva e de travessia, que compõem modos de caminhar na cidade: “Enquanto a deriva é uma caminhada aleatória realizada

prioritariamente no contexto urbano, a travessia configura-se como um deslocamento objetivo que visa percorrer um território pré-definido” (Velooso; Caon, 2018, p. 77).

Esses deslocamentos, esses movimentos, ganham vida por meio de um corpo-lugar. De acordo com Brito (2023), o corpo-lugar é acionado ao se deslocar no mundo, quando vive e vivencia diversas experiências que constituem o mundo (Brito, 2023). Dessa forma, é possível “Viver a cidade, cada lugar que a cidade nos oferece, observar o mundo que se encontra à sua volta, circular, se perder e se encontrar” (Brito, 2017, p. 55). Para o autor, é geralmente na cidade natal que essa relação se inicia. Desse lugar, onde resguardamos memórias e afetos que estão intimamente ligados ao nosso ser no mundo, configura-se um *lugar geopsíquico*, no qual “[...] o mundo externo nos invade e o externo transborda” (Dias, 2022, p. 65) e diante do qual lidamos. Elaborar cartas desenhantes a partir de um corpo-lugar numa cidade de natureza geopsíquica me colocou também diante de uma cidade desenhante (Frange, 2010), em meio aos alinhamentos prováveis (delineados pelas minhas memórias e expectativas sobre Sobral) “[...] de modo a criar uma linha contínua” (Tessler, 2008, p. 36), e também improváveis, nas curvas desenhadas pelas surpresas e encontros que surgiam no fazer da experiência, nos horizontes imersivos das experiências traduzidas nas cartas, cujo processo de composição está descrito a seguir.

2 Processo de criação das *Sete Cartas Desenhantes*

No processo de criação das “Sete cartas desenhantes para uma cidade cosmocênica”, aventurei-me numa experiência singular e ao mesmo tempo plural, em busca de visualidades e materialidades diversas e fenomenais. Todas essas correspondências, que ora revelam e ora ocul-

tam o que investigo nesta minha cidade-campo de pesquisa, provém de uma experiência de exploração visual, material e imaterial na cidade. O retorno a Sobral, após onze anos distante, trouxe um reencontro sensorial com seus ambientes, ruas e territórios, permeado por lembranças e descobertas.

As cartas foram elaboradas a partir de uma imersão investigativa e significativa inspirada nos elementos naturais (água, terra, ar e fogo) e pelos astros (sol e lua), observados e sentidos a partir daquele lugar. Para cada elemento, tenho associado, como imagem propulsora, pelo menos um fenômeno natural ocorrido ali: o rio Acaraú, que deu origem à cidade; os banhos neste rio; suas secas e enchentes, bem como uma chuva de granizo guardada nas minhas lembranças da infância dispararam a relação afetiva com a água; as montanhas da Serra da Meruoca, que marca a paisagem visual da cidade, e os seus tremores de terra acionaram em mim memórias telúricas. Também, as mensagens trazidas pelo vento e o seu frescor; a sua brisa, no alívio do calor e o fogo dos incêndios e da chama sagrada participam nessa inspiração. O sol e a lua contribuem para percepção do ambiente e para a contemplação do céu, e permitiram a culminância num eclipse, que consolida um ciclo e abrange as setes cartas destinadas à cidade como elo de uma comunicação carregada de informações advindas de sentimentos, sensações, emoções, lembranças e esquecimentos, etc. Com isso, cada carta registra experiências e armazena narrativas visuais desse reencontro, misturando tempos e espaços em composições que traduzem, com cores, formas e materiais diversos, o meu diálogo com a cidade.

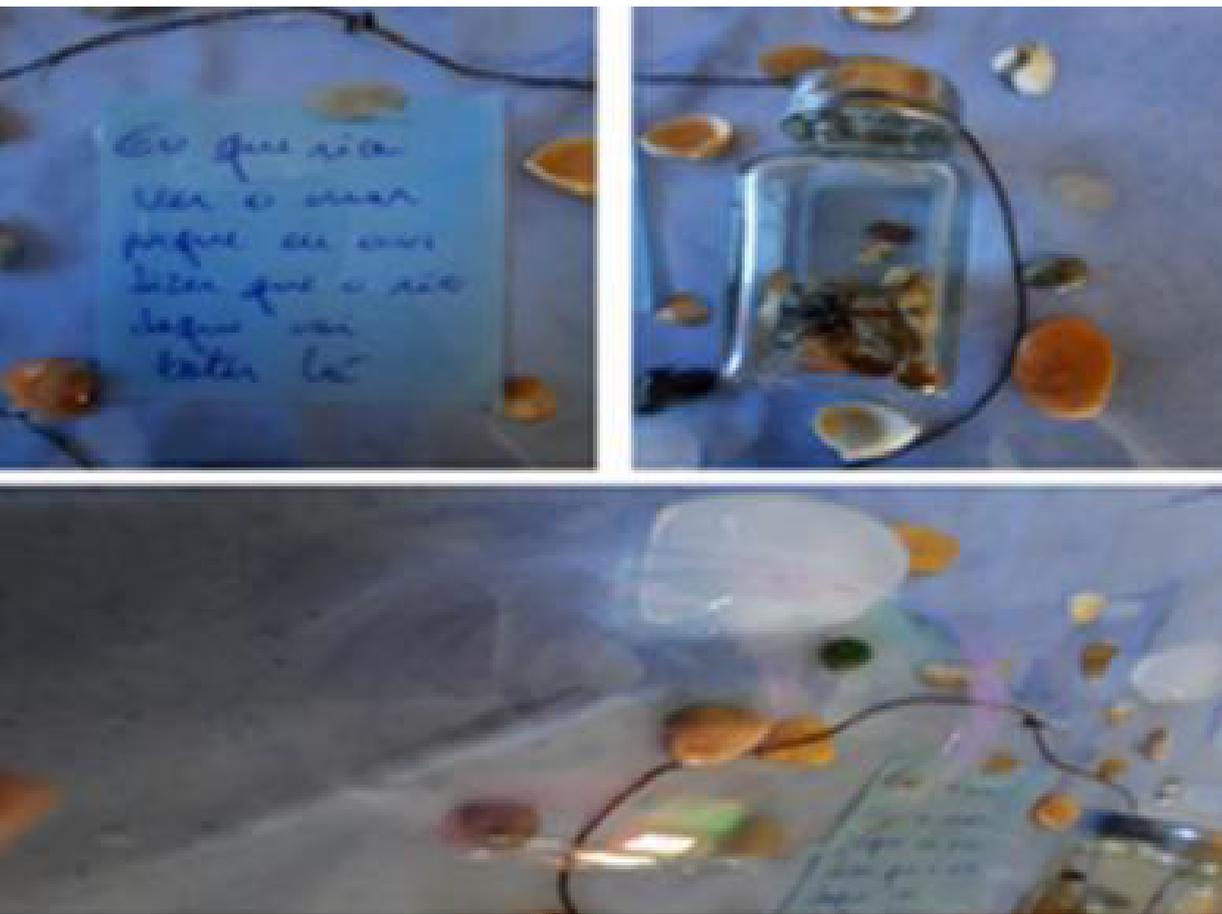


Figura 1 - Fragmentos do processo de criação das Cartas à Água e à Terra (2021). Foto do autor. Fonte: Acervo pessoal



3 Desaguar num chão que treme: cartas à água e à terra

As primeiras cartas, dedicadas e destinadas para a água e para a terra (Fig. 1), carregam capturadas emoções profundas ligadas ao retorno para Sobral – um reencontro fluido como a água, mas também sólido como a terra. A primeira carta, nomeada “Eu queria ver o mar porque eu ouvi dizer que o rio daqui vai bater lá”, evoca de modo poético o curso do rio Acaraú. O título é uma confissão de quem foi para o mar e voltou para o rio, evaporando e sendo chuva. Esta carta está adornada com conchas e pedras das praias que visitei e das cidades litorâneas por onde morei e passei, e remete também aos banhos de rios e às enchentes que fazem parte da história local, revivendo memórias e sensações antigas.

Os cubos de gelo foram dispostos nessa carta alagada (Fig. 1, na imagem central) como em uma ação de bombardeio, lançados de cima, e repetem artificialmente uma histórica (para mim) chuva de granizo que caiu naquela terra, costumeiramente tão quente. Eles também permitiram que as bolhas de sabão - exploradas ao longo da pesquisa - repousassem sobre a superfície líquida da carta sem estourarem de imediato. A bolha de sabão é um instante, transparente, sensível e poético. O colorido refletido na bolha. Fenômeno, artifício, arte e ofício. É também o sonho da água, quando consegue voar. Mas, calma. Ainda chegaremos ao ar.

Por sua vez, a carta à terra desenhou-se (ou me desenhou) sob o título “Abalo sísmico ou quando as rochas falam”, que todo mundo pode ouvir/sentir/perceber. Ela reflete a presença das montanhas nos arredores de Sobral, onde está localizada uma falha geográfica. De tempos em tempos, imprevisivelmente, a terra treme. Ao redesenhar a cidade, as linhas foram inspiradas nessa falha geográfica, assim como nas curvas das estradas das serras e das ruas e vielas da cidade; dos caminhos e dos atalhos, no percurso de várias caminhadas. Entre derivas e travessias

(Veloso; Caon, 2018), essa carta torna-se um testemunho e uma “dança” entre cidade e natureza, explorando os atritos e reencontros entre corpo e território. Quando desenhamos na cidade ou sobre ela, desenhamos também falas e vozes que revelam nossa relação com a cidade desenhante (Frange, 2010). Quando a natureza da cidade performa fazendo as rochas tremerem, nós também trememos e dançamos pelo contato e pelo ato de nos afetarmos.

4 Pensamentos e evaporações: capturas do porvir

Na feitura das cartas endereçadas ao ar e ao fogo (Fig. 2), busquei combinar elementos do instante presente, das horas que passam, do cronológico e cromático. O que é intangível; o que se esvai no tempo; naqueles e nesses tempos remotos. A ginástica da mente. A carta ao ar explora o movimento, a passagem das horas. Inspirada no vento, que leva e traz notícias. Foi, então, nomeada “Pegar um ventin’: central de mensagens”. A carta faz uma tentativa de **“Tocar** o possível e o impossível ao mesmo tempo.” (Tessler, 2008, p. 36, negrito no original). “Pegar um ventin’” é uma expressão linguística muito utilizada por moradores da região quando sentem a necessidade de tomar um ar fresco, seja em razão do clima quente e abafado, seja pelo recebimento de uma notícia inesperada, cujo impacto pode gerar certa aflição.

Assim, ar e vento foram percebidos como vetores de memórias e atmosferas sensíveis, como o cheiro da chuva antes dela começar a cair ou as mensagens telemáticas recebidas, processadas, repassadas, ignoradas, (não-)visualizadas ou respondidas. Essa carta quer falar dos estudos, da escrita, do pensamento, das imagens da mente. Abriga o dinamismo contínuo de reconexão com a terra, com a cidade natal, como um lugar geopsíquico, onde se encontra “[...] a possibilidade de dizer sobre

os lugares, sobre experiências lugarizadas, mas ao mesmo tempo dizer de si.” (Dias, 2022, p. 65), a partir do corpo-lugar, território das experiências vividas na cidade.

O vento é também o que espalha o fogo. Assim, na carta ao fogo, saúdo o momento que não para, a efemeridade. Um tributo à paixão que se consome, ao alcance que se finda; à chama que se acende, quando a luz parece faltar ou se exceder. Foi batizada “Devir plasma – pegando fogo!”. Composta por peças que celebram o fogo sagrado, como velas e incensos, essa carta se relaciona com os desapegos da pesquisa e a fumaça que se eleva em uma prece. Às pressas, uma tese? Como um elemento transformador, aqui, o fogo é um estímulo para seguir em frente, consumindo e iluminando o caminho.

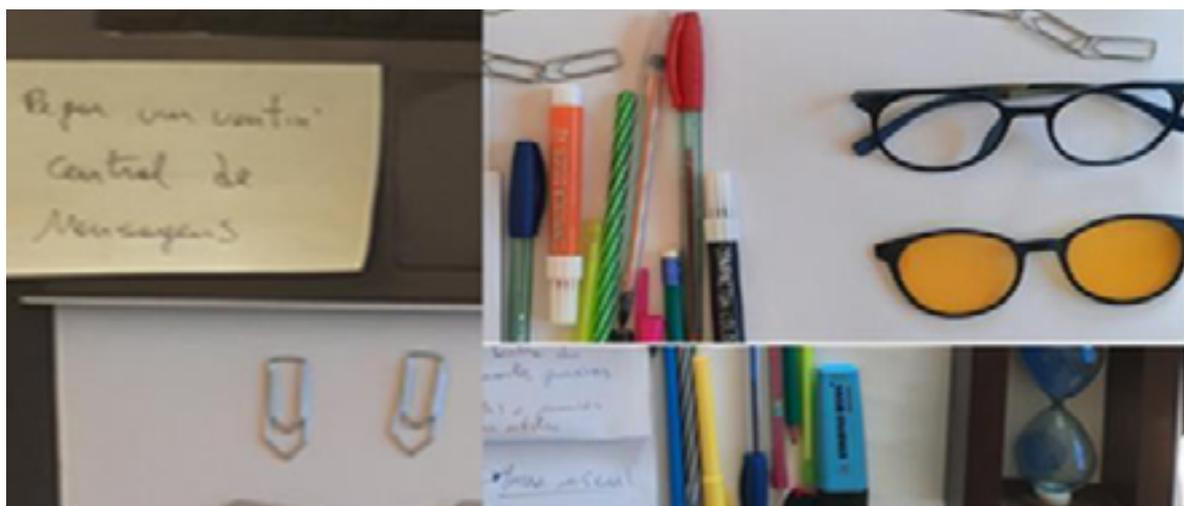


Figura 2 - Fragmentos do processo de criação das Cartas ao Ar e ao Fogo (2021). Foto do autor. Fonte: Acervo pessoal.



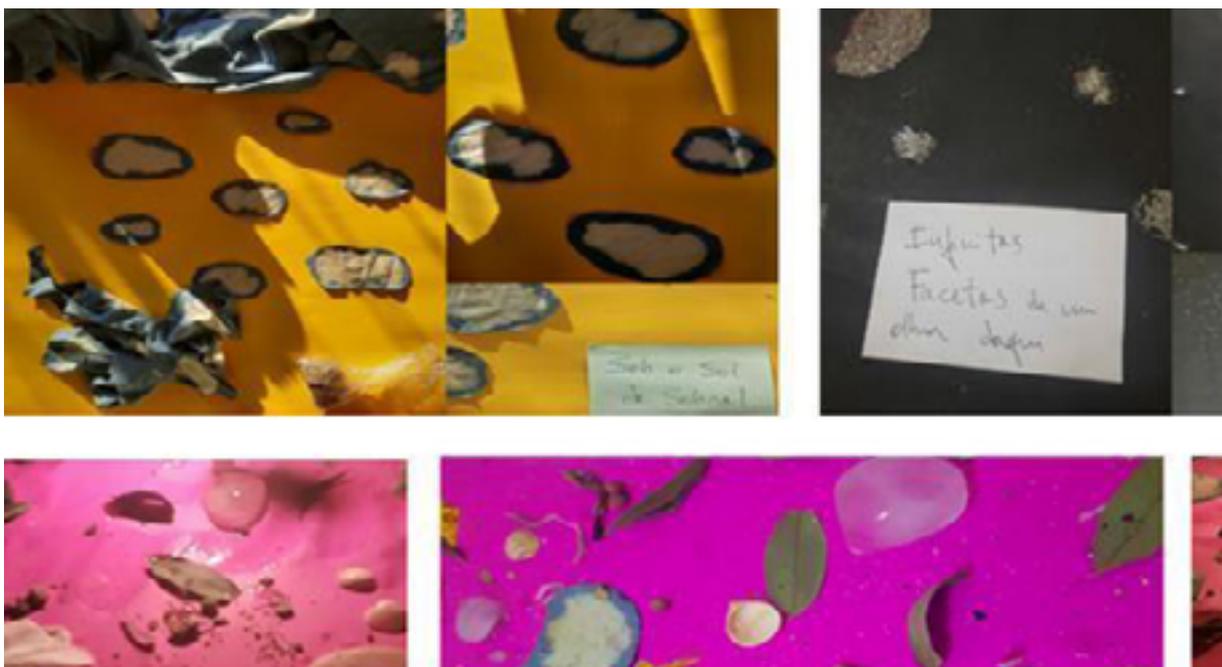


Figura 3 - Fragmentos do processo de criação das Cartas ao Sol, à Lua e ao Eclipse (2021). Imagens e composição do autor. Fonte: Acervo pessoal.

5 Selos celestes: ajustes para alcançar destinatários distantes

Os ventos quentes dos dias e as brisas frias das noites sobralenses, junto aos demais elementos, fizeram-me chegar ao Sol e à Lua. A partir de curiosidades que misturam experimentos, tentativas, incertezas e acasos (Salles, 2006), os processos de composição da quinta e da sexta cartas (Fig. 3) envolveram a utilização de objetos pessoais em desuso. Uma camisa manchada acidentalmente com água sanitária, cuja mancha revelou nuvens brancas num fundo azul para desenhar a carta ao Sol, em alusão à ação desenvolvida na pesquisa de campo, intitulada “Sob o sol de Sobral”, na qual acompanhei o sol desde o seu nascer até o poente pelas ruas da cidade. Já a carta à Lua, nomeada “Infinitas facetas de um olhar daqui”, traz um *glitter* guardado de um carnaval que eu não pulei, aludindo ao brilho multifacetado do satélite e das estrelas de um céu noturno. A lua foi, ao mesmo tempo, observada e observadora das minhas andanças pelas noites e também quando surgia, em plena luz do dia, no céu de Sobral.

Por fim, a criação da sétima e última correspondência (Fig. 3) reuniu materiais de todas as cartas anteriores, a fim de promover uma culminância simbólica entre os elementos e corpos componentes da pesquisa. No tempo gerúndio do fazimento das cartas podem ocorrer ações que perpassam o desfazer e o refazer. Foi quando elaborei a carta ao eclipse, uma “eclipsação” que des/re/ordena os caminhos e os modos de fazer essa cosmografia.

Um eclipse total do sol, ocorrido em 29 de maio de 1919, teve Sobral como ponto estratégico de observação, com registros fotográficos feitos por uma expedição de cientistas brasileiros, estadunidenses e europeus. Foi esse fenômeno que possibilitou a comprovação da Teoria da Relatividade proposta por Albert Einstein (Rodrigues, 2019). Os eclipses organizam um jogo relativo entre sombra e luz, revelação e ocultação e que somente pelos movimentos de (des) alinhamentos possibilita outros modos de ver, a partir de pontos de vistas determinados. Contudo, tais alinhamentos podem ser relativizados. A própria relatividade proposta por Einstein revelou, por meio desse fenômeno, a curva feita pela luz. Assim, “Arredondaremos a nossa linha para que ela possa **assumir** o movimento de giro, escolhendo seu percurso, incluindo oscilações” (Tessler, 2008, p. 35, negrito do autor). É na busca por uma metodologia, ou abordagem eclipsal, que tenho observado, orbitado, imaginado e materializado essa tese/pesquisa, que é dinâmica e se refaz a cada reordenação e descoberta.

6 Considerações finais

No percurso criativo dessas sete cartas desenhantes, dar às cartas o conceito de cada elemento ou corpo celeste a que se destinam foi um desafio que antecedeu o desfecho de toda a vivência compositiva.

Esse processo contou com momentos de imprevisibilidade e incerteza surgidos nas interações com os materiais utilizados e com a cidade. Com isso, é possível aproximá-lo da ideia de poética do aleatório, proposta por Tessler. “A poética do aleatório. A poética do precário. A poética da brevidade. A poética da tradução” (Tessler, 2008, p. 36) tem a ver com as intervenções do acaso e da imperfeição em processos de criação artística, aspectos que ecoaram na produção das cartas, revelados no acolhimento do inesperado e do fragmentado na elaboração dessas correspondências visuais.

Todas as cartas desenhantes foram confeccionadas utilizando técnicas mistas, e foram compartilhadas em formato de fotografia digital. Feitas em cartolinas coloridas medindo 48x66cm cada, não apenas expressam visualmente aspectos essenciais da pesquisa, mas também abrem cada uma das seções subsequentes da tese. A disposição das mistivas aqui apresentada não é a definitiva do trabalho final. A carta ao sol, por exemplo, foi realocada para o início do trabalho, pois articula-se com a primeira ação em campo mais efetiva dessa jornada. Só após cruzar os quatro elementos, encontramos a lua. Essa transição é simbólica, pois reflete a necessidade do alinhamento que permitiu culminar no eclipse, revelando a complexidade explorada nessa cosmografia.

Não se tratam de cartas desenhadas com lápis ou pincéis. São feitas de outros materiais, escolhidos a partir de uma relevância subjetiva diante da multiplicidade de possibilidades em meio às imagens que tinha em mente ou com as quais lidava de frente, no encontro, ao me deslocar pela cidade. Nesse aspecto, a escrita da tese veio depois das cartas, ao passo que as cartas foram também cartas-mapas, indicando possibilidades de caminho, inclusive para a criação da obra imbricada à escrita da tese. Trata-se de uma cápsula do tempo, da qual esse artigo não abordou por questões de recorte.

As cartas desenhantes feitas para Sobral, que aqui denomino de “cidade cosmocênica”, permitiram observar a relação do artista-pesquisador com o cosmos por meio de cenas da memória e do cotidiano, em temporalidades e espacialidades variadas e dinâmicas. Ao chamar Sobral de “cidade cosmocênica” proponho pensá-la para além de suas fronteiras geográficas, a caracterizando como um lugar onde pude me conectar simbolicamente com os elementos da natureza, os corpos celestes e com as forças que regem o visível e o invisível, a partir de um ponto de vista íntimo, atravessado pela imaginação e pela sensibilidade poética. Essas cartas não são apenas produtos de um processo criativo, mas componentes interligados, que dialogam entre si, e constituem um mapa visual da relação entre o meu corpo e a cidade. Elas resguardam minha busca por compreensão e conexão, servindo como referências fundamentais que guiaram o desenvolvimento da minha tese-obra.

Referências

BRITO, Marcelo Sousa. **O teatro que corre nas vias**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BRITO, Marcelo Sousa. **Narrativas cartográficas: teatro e experiências urbanas**. Salvador: EDUFBA, 2023.

CAETANO, Renata Oliveira; PEREIRA, Débora Bastos F. Ilustração em cartas: uma expansão do pensamento entre desenhos e escrita. **Laborhistórico**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 85-105, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/32145/22140>. Acesso: 04 out. 2024.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gili, 2013.

DIAS, Juliana Maddalena. T. **Lugar Geopsíquico: onde a Psicanálise e a Geografia se encontram**, Goiânia: C & A Alfa Comunicação, 2022.

FERREIRA, Cecília Maria de Araújo. **Cena e jogo: o imaginário na carne**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação

em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2009.

FRANGE, Lucimar. Cidades desenhantes, um desnorte. **Anais do 19º Encontro Nacional da ANPAP**. Salvador: EDUFBA/virtual, 2010. Disponível em: <https://anpap.org.br/anais/2010/index.html>. Acesso: 25 mar. 2021.

GORDILHO, Viga. **ComparTRILHamentos poéticos**: um memorial em tempo gerúndio. Salvador: P55, 2020.

RODRIGUES, Joice M. **Entre telescópios e potes de barro**: expedições científicas do eclipse solar na comprovação da teoria da relatividade em Sobral-CE/1919. Curitiba: Appris, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Salinas; Editora da UFRGS, 2006.

SCIALOM, Melina; FERNANDES, Ciane. Editorial: Prática como Pesquisa nas Artes da Cena. **Cadernos do GIPE-CIT**, Salvador, 2022.1, n. 48, ano 26, p. 4-8, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/gipe-cit/issue/view/2395/843>. Acesso em: 01 nov. 2024.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação**: construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Intermeios, 2013.

TESSLER, Élide. Uma linha do horizonte e outros alinhamentos prováveis. **Revista Porto Arte**, Porto Alegre, v. 14, nº 24, p.33-39, Maio/2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/download/27932/16542>. Acesso: 30 set. 2024.

VELLOSO, Verônica G.; CAON, Paulina Maria. Cortar a cidade com os pés: sobre travessias em paisagens brasileiras. **Boitatá**, Londrina, v. 13, p.75-90, 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/35127>. Acesso: 21 nov. 2021.

Submetido em: 25/ 11/ 2024

Aceito em: 30/ 07/ 2025